

ENTRE SERINGAIS E COLOCAÇÕES: UM ESTUDO TOPONÍMICO

Alexandre Melo de Sousa (UFAC)
alex-uece@bol.com.br, alex-uece@uol.com.br
e profalex.ufac@yahoo.com.br

RESUMO

A temática desta comunicação inscreve-se em um projeto de âmbito maior, relativo à toponímia da Amazônia Ocidental Brasileira (o Estado do Acre), cujo objetivo é apresentar o perfil toponomástico da referida região, através do resgate dos aspectos motivadores de influenciaram o denominador no ato do batismo dos espaços geográficos físicos e humanos. O presente trabalho, que tem como escopo a toponímia dos seringais e das colocações acreanas, enfatiza a relação léxico-cultura na construção dos significados toponímicos do Estado do Acre, confirmando, desse modo, a influência de fatores extralingüísticos no ato de nomear.

Palavras-chave: toponímia; aspectos culturais; seringais; colocações; Acre.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em Biderman (1998, p. 11), encontramos a seguinte passagem:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente (...). A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizadas em signos lingüísticos: as palavras.

As considerações da autora nos autorizam a reconhecer que: a) em qualquer análise lingüística, especialmente quanto à construção do léxico, deve-se ter em conta o usuário da língua; b) toda língua natural é produto da cultura de um grupo de indivíduos e, ao mesmo tempo, veículo de expressão dessa cultura; c) o nível da língua que melhor reflete os aspectos sócio-culturais de um grupo humano é o léxico.

Desse modo, parece claro que em um estudo que tome a língua (ou a linguagem) como objeto de análise não pode considerá-la como um fenômeno isolado, dissociada do mundo extralingüístico,

haja vista a língua ser um fator social, e, portanto, ligada, intimamente, ao indivíduo e à sua cultura.

Considerando, portanto, os topônimos (nomes próprios de lugares) como unidades léxicas, em cuja análise é possível identificar intersecções entre língua, cultura e sociedade; este trabalho apresenta um estudo toponímico acerca dos seringais e colocações do Estado do Acre.

Objetiva-se, especialmente, verificar as marcas da cultura do seringueiro (em sua maioria, provenientes da Região Nordeste) nas nomeações dos referidos acidentes geográficos.

LÉXICO E CULTURA

O acervo lexical de uma língua constitui a totalidade das palavras de uma língua, ou seja, é o conjunto de vocábulos que os falantes de uma determinada língua dispõem para a interação, oral ou escrita, com outros falantes. É a partir do léxico que o homem expõe suas idéias, sua visão de mundo. À medida que o homem evolui, novas palavras são criadas, e, exatamente, por ser uma criação e uma realização humana, o léxico abriga as marcas culturais da comunidade que o utiliza.

Dessa forma, considerada como “instrumento social de comunicação, a língua existe intimamente ligada à cultura de um povo. É ao mesmo tempo elemento da cultura e instrumento dessa mesma cultura” (Cardoso, 1988, p. 231).

Língua e cultura, portanto, são dois elementos inseparáveis. Segundo Bennett (1993), há dois tipos de cultura: a) a cultura objetiva, que constitui o conjunto manifestações concretas produzidas pela sociedade (literatura, música, ciência, arte, língua – enquanto estrutura – etc.); e b) a cultura subjetiva, que, por sua vez, constitui o conjunto de manifestações abstratas, como valores, crenças e no uso da língua.

A língua, como instrumento vivo e em desenvolvimento, recebe influência da cultura objetiva e revela, no seu uso, a cultura subjetiva. Como explica Grabe e Kaplan (1989, p. 264), dificilmente língua e cultura podem ser separadas. Consideramos que a língua é

um dos sistemas de expressão de uma cultura e que diferentes línguas apresentam preferências que são influenciadas pela cultura.

Por meio do estudo lexical, é possível descobrir aspectos sócio-histórico-culturais de determinados grupos humanos, já que, como diz Zavaglia (2007, p. 210):

Considerando-se o léxico como um sistema lingüístico que caracteriza, nomeia e reflete cultural e socialmente as percepções e os sentimentos dos falantes de uma determinada língua, podemos pressupor que tal sistema seja composto por diversos microsistemas que por sua vez podem também ser fragmentados em outros microsistemas, e assim por diante, formando, na sua totalidade, o que chamamos do acervo léxico-cultural de uma sociedade.

As considerações acima reforçam o raciocínio de Oliveira (2001, p. 109), que afirma ser “o léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma comunidade”. Por isso, o acervo lexical “torna-se testemunha da própria história dessa comunidade, assim como todas as normas sociais que a regem”.

Diante do exposto, entendemos que estudar o léxico de uma comunidade é destoldar seus costumes e práticas sociais, sua história, suas manifestações mítico-religiosas, seus ideais, seus valores, ou seja, é revelar o patrimônio sociocultural construído ao longo do tempo, e que ficará para a posteridade.

TOPONÍMIA E CULTURA

A Toponímia, como a entendemos, implica mais que o estudo etimológico dos nomes de lugares – como era concebida antigamente. Dado o caráter multidisciplinar que alcança seu objeto – o topônimo – e a intencionalidade que há por trás do ato de nomeação, esse ramo onomástico representa o desvelamento da inter-relação entre a língua e a visão de mundo daqueles que nomearam o espaço – a cultura. Como explica Dick (1987, p. 56):

A Toponímia, como disciplina do saber humano, reúne, também, as condições intrínsecas necessárias para uma pesquisa em profundidade de tais especificações antropológicas. Ao especialista da matéria abre-se, dessa forma, um amplo campo de investigações e não será pretensioso de

sua parte objetivar o encontro de vinculações entre o nome de lugar e as características que subordinam o denominador à sua época.

O topônimo, que, funcionalmente, particulariza o espaço geográfico, à medida que o denomina (identifica-o e singulariza-o), é parte integrante do léxico, e, como tal, caracteriza-se nos mesmos moldes que as demais unidades lexicais, que refletem traços sócio-histórico-culturais de uma comunidade lingüística.

No caso do signo toponímico, esses traços são revelados através dos motivadores (ou influenciadores) que impulsionam o denominador no ato da nomeação que pode ser extrínseco – quando o motivador é proveniente das características do próprio acidente geográfico: dimensão, cor etc. – ou intrínseco – quando o motivador é proveniente das percepções, sentimentos, crenças do denominador.

Assim, como bem explica Dick (1990, p. 38-39), em sua funcionalidade, o topônimo é marcado duplamente: o que, em termos de língua era *arbitrário*, no ato da nomeação para a ser *motivado*. Esse duplo aspecto pode ser descrito em dois momentos:

Primeiro, na *intencionalidade* que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado *nome* para este ou aquele acidente geográfico;

E, a seguir, na própria *origem semântica* da *denominação*, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas.

Entendido dessa maneira, o signo toponímico torna-se um veículo de expressão cultural de uma comunidade, uma vez que ele é produto da intencionalidade do denominador, e este, por sua vez, integra um determinado grupo com características sócio-históricas e lingüísticas peculiares. No ato do batismo de um lugar, dificilmente a escolha do nome é aleatória ou impessoal, especialmente quando se trata da nomeação dos seringais e das colocações acreanas, uma vez que a formação desses espaços consistiu num processo *sui generis* dentro da História do Brasil, notadamente quanto à miscigenação na formação humana do Acre.

FORMAÇÃO DOS SERINGAIS¹ E COLOCAÇÕES²: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAIS

Formação do espaço acreano

O Estado do Acre, região localizada na porção mais ocidental da Amazônia brasileira, antes território boliviano, começa a traçar sua História no início do século XIX, num contexto, *a priori*, de sonhos e esperanças, e, *a posteriori*, de batalhas e sofrimentos, que culminaram com a incorporação do referido território ao Brasil e foram responsáveis pela delimitação sócio-cultural do grupo humano originado desse processo.

Contar os episódios que formam a história acreana, é contar a história do “descobrimento” da *hevea brasiliensis* – a seringueira. Nenhum outro elemento pode simbolizar melhor a formação humana e territorial do Acre: foi a partir do produto extraído dessa árvore – o látex – que contingentes, cada vez maiores, de imigrantes foram ocupando a região, para o trabalho de extração e comércio do “ouro branco”, e, no contato com os povos indígenas³ (habitantes originários da região), formaram o homem acreano.

Inicialmente, a região foi ocupada por populações provenientes de localidades do Amazonas e Grão-Pará, e, posteriormente, de imigrantes nordestinos, o que gerou disputas sangrentas entre brasileiros e bolivianos pela posse do território – antes, cartograficamente, um apêndice do Amazonas, mas que, graças à vitória dos primeiros, passou a incorporar o Brasil.

Com a chegada dos primeiros exploradores, a região foi, aos poucos sendo demarcada, formando os seringais e as colocações às

¹ Os seringais são espaços físico-sociais, dispersos pela floresta, onde estão as seringueiras – árvores que, a partir dos cortes (talhas) feitos em seu tronco, expelem o látex.

² As colocações constituem o espaço de moradia do seringueiro e seus familiares, e ainda, o local onde acontece a produção da borracha, propriamente dita.

³ Vale salientar que antes da chegada dos desbravadores, segundo Calixto (1985, p. 07), a região acreana era habitada por dezenas de grupos tribais (entre eles, famílias indígenas dos Panos e Aruaques), aproximadamente 60 mil pessoas, que habitavam a área compreendida pelas bacias dos rios Juruá e Purus. Atualmente, somente 12 dessas tribos remanescem, contanto cerca de 5 mil indivíduos.

margens das principais bacias hidrográficas acreanas – Rio Juruá e Rio Purús – de extrema importância sócio-econômica para a locomoção, para a comunicação, para a alimentação, enfim, para a própria existência dessas novas populações (Cf. Tocantins, 1984, p. 32).

O processo migratório para a região acreana tem maior impulso entre 1877 e 1879, quando houve a maior crise sócio-econômica na Região Nordeste (sobretudo no Ceará), decorrente da forte seca que assolou a região. Essa crise, somada ao incentivo e financiamento pelo Estado do Amazonas⁴, favoreceu a migração desses povos para a região.

Lima (s/d, p. 24) registra que

[...] a primeira expedição a chegar em terras acreanas, foi a do cearense de Uruburetama, João Gabriel, com sua gente, no navio vapor Anajás, aportando nas barrancas do Acre (Aquiri), fundando os primeiros seringais e formando os primeiros núcleos populacionais.

Foi a partir do surgimento dos seringais que a estrutura social acreana foi sendo formada. De acordo com Lima (s/d, p. 24), a hierarquia social dividia-se da seguinte forma: a família do seringalista, que residia nos barracões, representava classe social superior; os agregados (família dos guarda-livros, do despachante do armazém), que residiam nas periferias, representavam a classe média; e os seringueiros, que residiam nas colocações, representavam a classe baixa.

Assim, *seringueira*, *seringal*, *seringueiro* e *seringalista* são elementos imprescindíveis na descrição sócio-histórico-cultural acreana: traduzem o principal motivador (*seringueira*) da formação espacial (*seringal*) e dos elementos humanos (*seringueiro* e *seringalista*) que favoreceram o surgimento do Estado do Acre.

Outros assuntos de grande importância relacionados com a História e a formação da região acreana poderiam ser discutidos aqui, no entanto, dado o enfoque central deste trabalho, preferimos destacar os expostos anteriormente.

⁴ O objetivo do Amazonas era formar núcleos de colonização na região acreana para fortalecer o promissor trabalho de extração do látex, contudo, por falta de planejamento prévio e infra-estrutura que favorecesse a fixação dos imigrantes nos núcleos, resultou no fracasso da iniciativa amazonense.

Formação social e cultural do povo acreano

Como foi dito anteriormente, antes da chegada dos nordestinos, a região acreana já era habitada por várias nações indígenas, distribuídas em dois troncos lingüísticos: a) *Pano* (Nações: *Kaxinawá, Yawanawá, Poyanawá, Jaminawá, Nukini, Arara, Shanenawá, Kutukina, Nawas*); e, b) *Aruak* (Nações: *Kulina, Ashaninka, Manchinery*) (Cf. SOUZA, 2005, p. 25-26). Os índios pertencentes aos referidos troncos têm procedência peruana e chegaram ao Acre motivados pela intensa perseguição espanhola. Chegando à região, os índios do *Tronco Pano* passaram a dominar a região do Rio Juruá, e os do *Tronco Aruak*, a região do Rio Purus. O elemento indígena – ou *caboclo amazônico*, como prefere chamar Lima (s/d, p. 62-63) – constituiu o primeiro ramo étnico formador do homem acreano.

O segundo ramo étnico é constituído pelo homem nordestino que, como já foi bem assinalado anteriormente, fugindo da seca que castigava impiedosamente sua região de origem e visando à uma vida melhor, economicamente falando, abrigou-se em terras acreanas na função de seringueiro.

O povoamento da região acreana, desde a primeira fase migratória, resultou, inicialmente, do encontro do elemento indígena com o elemento nacional nordestino. Os nativos transmitiram aos imigrantes conhecimentos e habilidades imprescindíveis para a sobrevivência e o trabalho no meio florestal – que era absolutamente adversa à da sua terra de origem.

O seringueiro, isto é, o grupo social representante da Amazônia, trouxe um conjunto de traços culturais dos lugares de onde emigrou e, em contato com o novo ambiente, sofreu um processo de aculturação, surgindo assim novos valores na indústria extrativa da borracha (Coelho, 1982, p. 45).

A influência do nativo sobre o conquistador, segundo Rancy (1992, 51-53) está refletida: a) na alimentação: aproveitamento dos recursos naturais; b) na habitação: adequada utilização dos produtos florestais na confecção das barracas; c) nos meios de locomoção: abertura de caminhos na selva, ou mesmo na fabricação e utilização de pequenas embarcações; entre outros.

Enfim, para garantir sua sobrevivência naquele ambiente, o rude seringueiro assimilou muitos hábitos e valores dos nativos, além

dos já citados, acrescenta-se a) o vocabulário utilizado para a identificação de espécies animais e vegetais, ou para os elementos geográficos que integram o ambiente onde viviam; b) as crenças e lendas existentes na região que, de algum modo, passaram a orientar a vida e o trabalho dos desbravadores da selva.

Já o terceiro ramo étnico, segundo Lima (s/d, p. 64-65), teve uma participação menor nesse processo de miscigenação. “Eram sírios, libaneses, turcos, judeus e outros comerciantes de tradição. Eles vinham para o Acre em busca do enriquecimento, através da comercialização da borracha e da castanha”.

As marcas do branco eurasiático, contudo, podem ser percebidas em certas características físicas do homem genuinamente acreano, bem como no processo civilizatório dessa população nortista. Boa parte desses estrangeiros integrava o sistema de exportação da borracha, outros atuavam como seringalistas, seringueiros, marreteiros – chegando, até, a possuir navios e grandes casas comerciais na região.

Há que se acrescentar, ainda, um quarto ramo étnico que participou da formação humana do Acre: os paulistas – denominação genérica atribuída, pela população, aos imigrantes provenientes da região centro-sul do Brasil, na década de 1970, que aportaram na região acreana com o propósito de estabelecer fazendas e desenvolver atividades pecuárias.

Esses quatro grupos étnicos justificam o caráter multicultural da população acreana, misto de tradições indígenas locais com as tradições dos migrantes nordestinos que povoaram a região, a partir do início do século XX, dos estrangeiros e dos migrantes de outras regiões do Brasil.

A presença de tribos indígenas, de outras nacionalidades e de brasileiros de várias regiões, se manifesta nas crenças e valores, nos hábitos e costumes, nas variações do falar acreano e o jeito de sentir e agir da gente da cidade (Bezerra, 1993, p. 26).

Os referidos grupos, ao se *acreatizarem*, foram, paulatinamente, perdendo uma parcela de sua identidade cultural original, mas, ao mesmo tempo, absorvendo costumes, comportamentos e crenças da cultura nativa, exigidos pelas próprias condições ambientais e sociais.

A contribuição cearense na formação sócio-cultural acreana

O que se expôs deixa claro que o complexo cultural acreano constitui, além de uma série de valores, crenças, comportamentos que traçaram sua estrutura social, as práticas, manejos e conhecimentos, que a necessidade de utilizar os recursos provenientes dos elementos geográficos florestais (rios, lagos, várzeas etc.) foram exigindo, para sua própria sobrevivência. Contudo, como asseveramos anteriormente, os imigrantes também cederam muitos dos seus costumes, tradições, convicções mítico-religiosas etc.

Partindo-se do princípio de que a maior parcela de desbravadores imigrantes que chegaram e se fixaram no Acre era formada por cearenses⁵, é provável que deles foram herdados, pelas posteriores gerações acreanas, os mais significativos traços culturais.

Não custa lembrar que os nordestinos, de um modo geral, chegavam à região amazônica⁶ “sendo tangidos pela seca – *imigração por fome* – ora simplesmente atraídos pelo ‘apetite’ da seringa – *imigração por cobiça, fortuna e aventura*, ou simultaneamente por ambos” (Benchimol, 1989, p. 121-122).

Em relação à região acreana, a *Batalha da Borracha*⁷, ocorrida entre 1941 e 1945, registrou a migração de 150.000 nordestinos para o Acre. Eram cearenses, pernambucanos, paraibanos, rio-grandenses-do-norte e baianos, que formavam o exército dos soldados da borracha.

À medida que esses grupos iam chegando, novos seringais iam surgindo, ou os que já existiam iam se expandindo. Era natural

⁵ Vale ressaltar que, genericamente, os imigrantes nordestinos, procedentes das zonas do agreste e do sertão, eram conhecidos como “cearenses”. No entanto, neste trabalho, esse gentílico está sendo utilizado como referência ao homem nascido, de fato, no Ceará.

⁶ Estima-se que, aproximadamente, 158.125 retirantes nordestinos migraram para a região amazônica entre 1887 e 1900

⁷ Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), para atender interesses internacionais (americanos, ingleses e franceses na guerra contra os alemães), cerca de 55 mil nordestinos (30 mil cearenses) (soldados da borracha) chegaram à Floresta Amazônica (grande parte enviada para o Acre) para trabalhar nos seringais. Era o fim da fortíssima crise gumífera – bom momento para os donos de seringais, mas para os nordestinos, significou o início da sub-vida: doenças, escravidão, isolamento.

que esses imigrantes trouxessem com eles seus costumes, suas tradições, ou seja, sua cultura. E, como o maior número de imigrantes era proveniente do Ceará, foi daquela região a maior contribuição cultural – que pode ser observada, por exemplo, na escolha dos nomes para identificação dos seringais e colocações.

A TOPONÍMIA DOS SERINGAIS E COLOCAÇÕES ACREANAS

Como afirmamos anteriormente, os signos toponímicos têm a função de particularizar o espaço geográfico e, por serem unidades lexicais, refletem traços sócio-histórico-culturais de uma comunidade lingüística. Isso pode ser percebido numa análise dos topônimos escolhidos pelos seringueiros para nomear os seringais e as colocações. Aqui, focalizaremos somente os topônimos que têm relação com a região cearense.

Inicialmente, destacamos os designativos referentes a nomes de cidades cearenses:

<i>Boa Viagem</i>	<i>Iracema</i>	<i>Praíha</i>
<i>Canindé</i>	<i>Lavras</i>	<i>Quixadá</i>
<i>Cedro</i>	<i>Limoeiro</i>	<i>Quixeramobim</i>
<i>Fortaleza</i>	<i>Macambira</i>	<i>Redenção</i>
<i>Horizonte</i>	<i>Maranguape</i>	<i>Viçosa</i>
<i>Independência</i>	<i>Morada Nova</i>	

Dick (1992) classifica esses topônimos como *corotopônimos*. A escolha deste tipo de designativo representa, para o denominador, uma forma de continuar mantendo um vínculo, de certa forma concreto, com a região de procedência. Tudo indica, a partir dos dados históricos, que o sentimento de lembrança tenha sido o grande motivador para a escolha desses topônimos. O trabalhador dos seringais, que vivia solitário no interior das matas, tomava-se de saudosismo e apego a tudo o trouxesse lembranças de sua terra natal.

Sousa (2007, p. 78), apoiado em Backheuser (1949), explica que:

[...] é bastante comum alguns topônimos serem conduzidos por migrações ou ganharem impulso pelo prestígio do local de origem. Para o autor, os imigrantes batizam os lugares com nomes de outros lugares familiares, devido às semelhanças encontradas nas paisagens ou mesmo pelo desejo saudosista de prolongar suas pátrias.

Quanto aos topônimos que fazem referência a sentimentos religiosos, temos 03 (três) tipos: os *hagiotopônimos*, os que se relacionam aos santos e santas do hagiológico romano (católico); os *mitotopônimos*, os que se relacionam aos nomes sagrados de outras religiões; e os *hierodirrematopônimo*, os que fazem relação aos nomes sagrados em forma de frases ou enunciados lingüísticos.

a) Hagiotopônimos:

<i>Nazaré</i>	<i>São Brás</i>	<i>São Luiz</i>
<i>Santa Ana</i>	<i>São Domingos</i>	<i>São Luiz do Remanso</i>
<i>Santa Cruz</i>	<i>São Filismino</i>	<i>São Pedro</i>
<i>Santa Fé</i>	<i>São Francisco</i>	<i>São Pedro de Dentro</i>
<i>Santa Júlia</i>	<i>S. Francisco do Iracema</i>	<i>São Raimundo</i>
<i>Santa Maria</i>	<i>São João da Barra</i>	<i>São Salvador</i>
<i>Santa Quitéria</i>	<i>São João do Iracema</i>	<i>São Sebastião</i>
<i>Santo Antônio</i>	<i>São José</i>	<i>Sudário</i>
<i>São Bento</i>	<i>São José de Fora</i>	

b) Mitotopônimos:

<i>Alto Curupira</i>	<i>Mapinguari</i>
<i>Caipora</i>	<i>Tupã</i>

c) Hierodirrematopônimos:

<i>Deus é bom</i>	<i>Livre-nos Deus</i>
-------------------	-----------------------

A presença de tantos topônimos ligados à religião pode ser justificada pelo misticismo próprio da região nordestina, cearense especialmente, de onde migraram a maioria dos seringueiros. Esse aspecto, junto à condição de vida que levavam é a explicação mais provável a ser considerada.

Um aspecto a se considerar é a combinação feita pelos denominadores entre nomes já cristalizados na igreja a nomes da realidade local, por exemplo: São João do Iracema, São Luiz do Remanso, São Pedro de Dentro.

Esse fenômeno denota a evocação de proteção dos santos para o local onde os denominadores viviam, já que, segundo a tradição católica, quando se dá um nome de santo a uma pessoa ou a um lu-

gar, está colocando sob a proteção daquele santo aquela pessoa ou aquele lugar.

Ao lado desses topônimos oriundos da tradição cristã, aparecem nomes ligados a mitologia indígena, que evidenciam a influência da cultura indígena da região amazônica, mas podem também ser oriundos do Ceará, uma vez que essa cidade nordestina tem fortes laços com a tradição indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, fica claro que os topônimos, como unidades léxicas que são, comportam em seu bojo fatos que evidenciam necessidades e interesses de grupos humanos que os engendraram, revelando traços lingüísticos e culturais, mesmo os já desaparecidos, inerentes a esses grupos. Assim, língua e cultura, em processo simbiótico, exprimem-se nessas unidades lexicais.

Diante dos dados analisados, é possível verificar as intersecções línguo-culturais existentes na Toponímia, ou seja, como língua e cultura refletem-se nesse sistema onomástico, tornando patente sua importância dentre as ciências lingüísticas como instrumento de recuperação e possível interpretação de ideologias dos povos por meio dos nomes de lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, S. I. Grupos culturais na Amazônia brasileira. **In:** Encontro regional de tropicologia, 2, 1985, Recife. *Anais...* Recife: Massangana, 1989, p. 115-144.

BENNETT, M. www.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAngua_e_cultura. Acesso em 29 de outubro de 2007.

BEZERRA, M. J. *et al.* *Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura*. Rio Branco: Globo, 1993.

BIDERMAN, M, T, C. O dicionário na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. **In:** ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M.

P. P. (orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 131-144.

CALIXTO, V. de O. *et al. Acre uma história em construção*. Rio Branco: Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto/ Secretaria de Educação, 1985.

CARDOSO, Suzana Alice M. Língua: meio de opressão ou de socialização? **In:** FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, p. 231-235, 1988

COELHO, E. M. *Acre: o ciclo da borracha (1903 – 1975)*. Niterói: 1982. Dissertação (Mestrado) – UFF, 1982.

DICK, M. V. de P. do A. A morfologia do signo toponímico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: USP, v. 10, p. 370-371, 1987.

———. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

———. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1992.

GRABE, W.; KAPLAN, R. Writing in a second language: contrastive rhetoric. **In:** JOHNSON, D. M.; ROEN, D. H. (eds). *Richness in writing: empowering ESL students*. NY: Longman, 1989, p. 263-283.

LIMA, M. F. *O Acre – seus aspectos físicos e geográficos, sócio-econômicos, históricos e seus problemas*. v. 1. Rio Branco, s/d.

OLIVEIRA, A. M. P. P. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. **In:** ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 109-116.

RANCY, C. M. D. *Raízes do Acre (1870 – 1912)*. Rio Branco: M. M. Paim, 1992.

SOUSA, A. M. de. *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: estudo toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos*. Fortaleza, 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará.

TOCANTINS, L. *Formação histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

ZAVAGLIA, C. A prática lexicográfica multilíngüe: questões concernentes ao campo das cores. **In:** ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N.(orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2007.